



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Ata n.º 5

2.ª Sessão extraordinária da Assembleia Municipal de Portalegre, realizada em 25 de abril de 2022

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano dois mil e vinte e dois, nesta cidade de Portalegre e no auditório do Centro de Congressos da Câmara Municipal, reuniu em sessão extraordinária a Assembleia Municipal de Portalegre, Sessão Solene Comemorativa do 25 de Abril.

Presencialmente estiveram os membros: Luís Miguel Casqueiro Romão, Diogo Aragonêz (em substituição de Albano Varela e Silva, nos termos do artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), Pedro Ranheta (em substituição de Ricardo Romão, nos termos do artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), Rui Jorge Batista Martelo, Maria da Conceição Barradas Grilo, Adriano Manuel Alface Bailadeira, Célia Maria da Silva Carreiro, Raúl Alberto Carrilho Cordeiro, João Pedro Cachiço Ribeiro Luís, Diogo Júlio (em substituição de Amândio Valente, nos termos do artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), Maria da Conceição Ceia Miranda, Filipa Barroso Viegas, Ana Isabel da Costa Meira, Sara Maria Esteves Luís Sardinha, Ana Sofia Carita de Oliveira Miguéns, Marco António Serra Antunes, João Paulo Carreço Brazão, José Cordas Barradas, Francisco Correia Tavares do Carmo Garcia, Carla Lucinda Raposo Mocito, Célia de Jesus Soares, Luís Miguel Candeias Ricardo, Henrique Manuel Esteves Santinho, Vítor Pombo (em representação de Jaime Alexandre da Silva Fitas, nos termos da alínea c), do artigo 38.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), Bruno José Marchão Calha, Francisco Manuel Frutuoso Carriço, Raquel Alexandre Reizinho Carita Castelo.-----

No uso da palavra, o Dr. Paulo Bochechas, com a respetiva autorização que lhe foi concedida pelo presidente da Assembleia Municipal de Portalegre, Dr. Luís Romão e pela presidente da Câmara Municipal de Portalegre, Eng.ª Fermelinda Carvalho, cumprimentou todos os presentes e declarou aberta a sessão solene comemorativa do 48.º aniversário do 25 de Abril, eram 10H00.

Referiu que iriam ouvir três poemas alusivos à data, lidos por alunos dos dois agrupamentos de escolas da cidade e da Escola Secundária de São Lourenço.-----

Após a leitura dos poemas, foi dado início às intervenções dos representantes dos partidos políticos e grupo de cidadãos independentes com assento na Assembleia Municipal de Portalegre, da presidente da câmara e do presidente daquela Assembleia Municipal.-----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Intervenção de Diogo Júlio Serra, em nome da CDU-PCP/PEV:

“Exm.º senhor Presidente da Assembleia Municipal de Portalegre
Exm.ª senhora Presidente da Câmara Municipal de Portalegre
Exm.ºs senhores membros da Assembleia Municipal
Exm.ºs senhores vereadores
Exm.ºs convidados
Portalegrenses

Os meus camaradas de Partido e os companheiros da CDU deram-me a súbita honra de usar esta tribuna para em seu nome saudar os portalegrenses, estejam onde estiverem, a Autarquia que a todos representa e todos os grupos políticos que também no nosso concelho e na nossa cidade esgrimindo consensos ou diferenças usufruem e consolidam a democracia e dessa forma honram Abril.

O facto de ser um, somos cada vez menos e ainda bem, dos que pela já muita idade, podemos testemunhar quer o dia-a-dia vivido num país esmagado pela ditadura salazarista, quer a chegada daquela madrugada azul e limpa, como tão bem a definiu Sofia de Melo Anderson, e a Revolução que de imediato permitiu, deverá ter pesado na decisão de me honrarem com a sua escolha.

Honra que desde já agradeço. Tanto mais porque ao darem-me a possibilidade de usar esta tribuna permitem que saúde todos quanto possibilitaram, realizaram, continuaram e defendem a Revolução dos Cravos: os homens e mulheres organizados ou não PCP que nas fábricas, nos campos e nas ruas resistiam à fascização do país e levantavam bandeiras contra a fome e a guerra, contra a pobreza e a exploração e os capitães de Abril que derrubaram o regime de opressão e terror e que tão bem souberam interpretar a vontade da população portuguesa que desde as primeiras horas inundou praças e avenidas exigindo o fim da guerra, a paz, o pão e a liberdade.

Comemorar Abril e a liberdade é usar em cada momento e em cada situação a liberdade alcançada. É tornar normal aquilo que em ditadura estava ao alcance de muito poucos – a liberdade de pensamento e a coragem de o afirmar e de pagar os custos dessa coragem, com perseguições, prisão e quantas vezes com a própria vida.

Estimados concidadãos,

Comemorar Abril é afirmar e valorizar todas as suas conquistas e reafirmar a nossa vontade e disponibilidade em cumpri-lo todos os dias. Mas é igualmente, não deixar esquecer quantos, também aqui, na nossa cidade e concelho nunca desistiram de lutar por Abril mesmo quando não era perceptível que O houvesse e muito menos ousássemos antever quando chegaria.

Permitam-me, pois, saudar algumas instituições portalegrenses que foram nesses tempos de escuridão escolas de cidadania e liberdade, alfobres de resistência e viveiros de esperança: A Cooperativa Operária, o Alentejo Futebol Clube e as muitas coletividades de cultura e recreio; a Rabeca – Jornal democrata e baluarte da resistência ao salazarismo e, sobretudo, os ilustres portalegrenses que a partir de cada uma delas expandiam as virtualidades da democracia sonhada: João Diogo Casaca, Jornalista, proprietário e diretor da Rabeca, Feliciano Falcão, médico, que



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

também dirigiu a Rabeca, João Belmiro Contro da Silva, electricista, João Dias Mourato, corticeiro, Jorge Feliciano Arranhado, comerciante e dirigente desportivo (a quem o anterior executivo negou a atribuição do seu nome ao edifício que foi sede da União Operária Portalegrense e onde durante anos esteve a sede dos seu Estrela Futebol Clube) Florindo Madeira, primeiro Governador Civil, da democracia, António Teixeira, Manuel Pinho, José Manuel Barradas, Manuel Bagina, Júlio Maurício, Elisa Cassola Ribeiro, Joaquim Miranda da Silva, de entre os que já partiram, mas também os que ainda temos, felizmente entre nós: a Comendadora Domingas Valente, António Ventura, Eduardo Basso, Nicolau Saião, Joaquim Carrapiço, Nicolau Dias Ferreira, ligados á segunda fase da vida do Jornal a Rabeca, Adriano Capote, eleito para presidente da Comissão Administrativa, cargo de que abdicou a favor de Parente Pacheco, por se entender demasiado jovem para a função, o Antero, dirigente sindical da Lanifícios desde a fundação da Intersindical, António José Ceia dos Reis e António Milheiro, fundadores da União dos Sindicatos de Portalegre.

Alguns deles meus camaradas de partido mas todos eles e elas camaradas da resistência e construtores em Portalegre, dos caminhos que permitiram Abril. Através deles a minha homenagem a todos quantos construíram e conservaram os caminhos de Abril.

Estimados concidadãos.

Com o 25 de Abril revolveu-se a vida no País e, por isso mesmo, não há faceta ou pormenor que o resumam – a revolução foi, no seu desabrochar imediato, uma explosão de liberdade, é certo, mas que não perduraria se, de imediato nuns casos, noutros a breve trecho, não imprimisse em todos os demais aspetos da vida a marca que lhe garantiu e garante sustentação.

Às operações programadas e depois executadas pelos Capitães de Abril e que desarmaram o regime opressor, associou-se a inundação de ruas e praças pela população que validavam a iniciativa militar e gritando, exprimiram livremente o que pensavam e queriam:

Liberdade de pensamento e de expressão sim, mas também liberdade de organização e de luta.

Luta por mais pão, luta por saúde, educação e justiça para todos.

Exigiam-no e começaram de imediato a dar-lhe corpo. Com avanços e recuos, melhores ou piores resultados, mas sempre em confronto com as ideias e as práticas do passado e quase sempre em rutura total com elas.

Assim, comemorar Abril exige afirmar o que a Revolução representa e expressa enquanto processo libertador com profundas transformações na sociedade portuguesa e um dos mais altos momentos da vida e da história do povo português e de Portugal.

Comemorações em que é imperativo não deixar submergir o que ela foi e representou na avalanche interpretativa dos que lhe negam a sua natureza, alcance e características ímpares.

Celebrar Abril é evidenciar o que foi o fascismo e combater o seu branqueamento, é destacar a luta antifascista, pela liberdade e a democracia.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Celebrar Abril é assinalar o seu sentido transformador e revolucionário, não rasurar a memória coletiva que o envolve, afirmar o caminho que o tornou possível, rejeitar as perversões e falsificações históricas, denunciar os que o invocam para o amputar do seu sentido mais profundo, sublinhar o que constitui hoje de valores e referências para um Portugal desenvolvido e soberano que décadas de política de direita têm contrariado.

Por mais que reescrevam, Abril foi uma revolução, não uma “evolução” ou “transição” entre regimes. Um momento e um processo de rutura com o regime fascista, o derrube do fascismo e do que o suportava.

Abril foi possível porque é fruto de uma longa resistência antifascista, de uma abnegada dedicação à luta pela democracia e liberdade de comunistas e de outros democratas, de uma intensa luta de massas da classe operária, da juventude, do povo.

Comemorar Abril é assinalar e afirmar todas as suas conquistas, continuar os caminhos para a sua defesa e garantir a concretização das que falta cumprir.

E porque estas são as comemorações organizadas pelo Município importa salientar que o Poder Local Democrático é ele próprio uma dessas conquistas.

Comemorar Abril é, também, defender e valorizar o poder local hoje ameaçado, pelo subfinanciamento, pela imposição de aceitar encargos disfarçados de transferência de poderes, pela ingerência tutelar, pela instrumentalização que procura reconduzi-lo a mero executor técnico das opções de terceiros.

Comemorar Abril é exigir que se cumpra a Constituição e o que ela consagra e determina quanto à criação de regiões administrativas completando assim o edifício do poder local que continua por cumprir.

Comemorar Abril é reafirmar que o Poder Local Democrático continua vivo e com energia bastante para resistir e se regenerar se essa for a vontade dos que nos seus órgãos, se dedicam à causa pública e se souberem juntar-lhe as mil vontades dos cidadãos que representam.

Comemorar Abril é também, particularmente neste momento em que se procura subverter os seus objetivos e retomar os velhos caminhos da intolerância e do ódio e se ouvem, de novo, os gritos de exaltação à guerra, saber interpretar, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República.

Quando cumprimos o 48º aniversário da Revolução dos Cravos, cumprir Abril é, como sempre foi, reafirmar os seus valores e usar em cada dia a liberdade conquistada.

É impedir pelas palavras e por ações que os valores de Abril sejam sequestrados pelos que sempre os combateram.

É impedir o regresso do discurso do ódio, da imposição do pensamento único, da rotulagem como mau, de tudo o que não se deixa dominar, do regresso às posturas do “quem não é por nós é contra nós”, da divisão do mundo e das gentes entre os bons e os maus, da tentativa de colagem dos que sempre foram e são pela Paz a um dos lados da guerra.

Num tempo em que os senhores da guerra a trouxeram de novo para solo europeu, afirmar Abril é declararmos Guerra à Guerra, contra todas as guerras,



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

independentemente do espaço onde se desenvolvem e da cor da pele ou da religião das suas vítimas. É sermos militantes ativos pela Paz é, em suma, cumprir o Espírito de Abril e a Constituição que o Consagra.

25 de Abril Sempre.

Fascismo nunca mais!"

Intervenção de Maria Miranda, em nome da CLIP:

“Exm.º senhor Presidente da Assembleia Municipal de Portalegre

Exm.ºs membros da Assembleia Municipal

Exm.ª senhora Presidente da Câmara Municipal de Portalegre

Exm.ºs vereadores

Exm.ºs presidentes de Junta de Freguesia

Convidados

Portalegrenses:

Comemoramos, hoje, mais um aniversário do 25 de Abril, e queremos manter vivo o real significado da revolução dos cravos e como a mesma influenciou a nossa existência e convivência social.

Não devemos esquecer os tempos tristes e cinzentos do passado. Portugal travava uma guerra injusta. As mulheres não tinham direito de voto e ganhavam menos que os homens. Existia a censura, os presos políticos e a tortura. Ter opinião era proibido e todos aqueles que a manifestavam eram perseguidos. A taxa de analfabetismo rondava os 33%. O direito à educação, à saúde e à proteção social não eram universais.

Podemos e devemos, hoje, recordar algumas das conquistas de Abril. Foi implementado o serviço nacional de saúde, generalizando o acesso a cuidados de saúde que se tornaram universais e próximos das populações, e reduzindo-se as enormes taxas de mortalidade infantil.

Desenvolveram-se direitos do trabalho, foram generalizados subsídios de férias e de Natal, foram criados mecanismos de proteção no desemprego.

O poder local afirmou-se, levando ao desenvolvimento de um país marcado pelas desigualdades regionais.

A democracia local revelou-se propiciadora de desenvolvimento social, cultural e económico.

Se a preservação da memória coletiva em relação à nossa história é uma obrigação por parte dos intervenientes políticos do nosso regime democrático, também é verdade que muitas vezes parecem esquecê-la.

Na situação política, económica, financeira e sobretudo social que vivemos, ganha nova importância a mensagem de esperança e luta por um futuro melhor que o 25 de Abril representou.

Hoje é cada vez mais comum pensarmos nos interesses económicos instrumentalizando a vida humana como uma mera ferramenta e de pouca



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

importância quando comparada a siglas ou expressões como o PIB, a Dívida Soberana, o BCE, o Sistema Monetário Mundial ou o próprio EURO.

Mas recordar essas conquistas, e defender os ideais de Abril, não se pode limitar a todos os anos, pela mesma altura, subirmos a um palco e perante uma plateia, repetir chavões, expressões, gritar VIVAS.

Estas foram conquistas coletivas!

O 25 de Abril é o momento de celebrar a democracia e a liberdade.

E celebrar a democracia e a liberdade é também prestar homenagem a todos quantos têm contribuído para consolidar, enraizar e aperfeiçoar a vida democrática. Comemorar Abril é celebrar todos nós, portugueses, que a fazemos, dia a dia, com ou sem cravo na lapela.

A democracia tem de garantir a cada nova geração a possibilidade de decidir o seu próprio destino. Uma democracia que não deixe liberdade de escolha às gerações futuras não é, não será nunca, uma democracia.

Apesar de todas as dificuldades estamos a sair de uma pandemia que durou ano e meio e se não formos capazes de dar provas de solidariedade corremos o risco de agravar desigualdades sociais. É fundamental proteger, não só os sectores vitais da nossa economia como também os nossos ativos, tecnologia e infraestruturas e mais importante proteger o emprego e os trabalhadores.

Não podemos permitir que os governantes subvertam o voto popular. Que nenhum homem, mesmo eleito democraticamente, deixe que a especulação financeira nos tire a dignidade humana e nos troque por limites macroeconómicos.

Vivemos uma guerra na Europa que já matou centenas de pessoas, sobretudo civis, que já destruiu várias cidades, vilas e aldeias e que causou a maior vaga de refugiados desde a II Guerra Mundial.

Se a vida humana não tem preço, então a dignidade social de um povo também não pode ter.

As garantias sociais tem de corresponder à integração política e à convergência orçamental.

A política é sempre um desafio que é feito por escolhas e ações. Mas deve ser sempre feita com audácia e humildade.

Cumpra-se o 25 de abril quando se decide, quando se participa, dando ideias e sugestões e quando existe humildade democrática para as aceitar.

Abril fez-nos a todos donos do nosso destino.

Os grupos de cidadãos independentes não podem ser vistos como ameaça, porque o não são.

São sim, mais uma conquista de abril, um acréscimo legítimo e necessário ao crescimento do tecido democrático no nosso país, um convite à participação cívica fora da esfera partidária.

Para a nossa geração, celebrar Abril e fazer democracia é justamente denunciar, num tempo de letargia cívica e de anestesia cidadã, sem medos, com serenidade e com exigência, os novos perigos e ameaças para a liberdade dos cidadãos.

Vivam os ideais de Abril.”



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Intervenção de Raúl Cordeiro, em nome do PS:

“Exm.º senhor Presidente da Assembleia Municipal de Portalegre

Exm.ºs membros da Assembleia Municipal

Exm.ª senhora Presidente da Câmara Municipal de Portalegre

Exm.ºs senhores vereadores

Caros concidadãos

Entidades oficiais convidadas

Um cumprimento especial a todos:

O 25 de abril faz hoje 48 anos.

O 25 de abril é hoje uma data adulta e madura.

Depois de um golpe de genialidade de que Salgueiro Maia é um dos expoentes máximos, mais do que um golpe de estado, feito de cravos mais do que de armas e balas, Portugal deu uma lição à Europa e ao Mundo sobre como fazer uma revolução com o povo e para o povo.

Outras mudanças se haveriam de seguir na Europa tomando o 25 de abril de 1974, o nosso 25 de abril, como exemplo.

Lembro que igualmente este ano se comemoram 60 anos da crise estudantil de 1962 que inauguraram e previram o que se passaria 12 anos depois e revelaram um dos grandes protagonistas da nossa democracia e do poder local em Portugal – O Presidente Jorge Sampaio.

São já mais dias de democracia do que de ditadura (completados a 24 de março deste ano) e por isso uma responsabilidade acrescida que necessita de trabalho e pensamento crítico constante.

São mais de 17500 dias de um Portugal em que muito mudou:

Um Portugal que aprendeu a reconhecer os direitos das minorias, afirmando a sua interculturalidade, herança da sua história; Um Portugal que aprendeu a respeitar os direitos e a equidade de género;

Um Portugal que aprendeu a respeitar o direito à autodeterminação no direito à vida;

Um Portugal que aprendeu a valorizar e a democratizar construções políticas e sociais de enorme relevo como a Escola Pública e o acesso ao ensino superior, o direito à Segurança Social ou o Serviço Nacional de Saúde;

Um Portugal que é hoje um dos países mais seguros da Europa e do Mundo.

Mas percebemos todos os dias que nada é garantido para sempre.

Não podemos deixar de fazer uma referência especial à situação de segurança que se vive hoje na Europa.

Nada pode ser mais contrário à ideia de liberdade e de paz do que a violação da segurança de um povo.

Depois de 2 anos de pandemia (vividos intensamente e com enorme sentido de cidadania de todos os portugueses), eis que o mundo se depara com a agressão de



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

um regime abominável, cruel e criminoso a um país soberano. A agressão da Rússia à Ucrânia.

Não há formas dissimuladas, nem rebuscadas, de condenar atos desta natureza. Eles são condenáveis a todos os níveis.

Não há forma de entender que haja ainda concidadãos nossos que tenham dificuldade em compreender o que está a acontecer, encontrando explicações evocativas na história que muito deixam a desejar e são elas próprias desvirtuadas e tolhidas por princípios dogmáticos pouco compreensíveis aos olhos da maioria.

O que está a acontecer na Ucrânia, com a invasão bárbara da Rússia, é a mais grave situação de conflito na Europa depois da 2ª Guerra Mundial e só há uma forma de o caracterizar: um ato criminoso.

A omissão da condenação deste ato de guerra contra um povo apenas poderá servir os interesses de radicalismos indesejáveis legitimando formas de contestação dos regimes democráticos que aproveitam as vantagens da liberdade de opinião que lhes foi concedida pela democracia para a contestar e matar.

Estamos atentos.

Vemos, ouvimos e lemos e não podemos ignorar.

O enfraquecimento do contraditório democrático pela adoção de posições extremistas apenas retirará espaço às legítimas reivindicações próprias da democracia (como as do movimento sindical, por exemplo) para abrir espaço a espaços de conflitualidade, discriminação, xenofobia e racismo como se fizessem parte da natureza humana.

Os extremismos espreitam estas oportunidades.

Estranho mundo este...

Mas, este é também um Portugal que construiu e aprendeu a valorizar uma das suas maiores conquistas democráticas – O Poder Local.

Quase não precisaria, por tão evidente e estudado, mas não podemos deixar de evocar alguns dados da realidade local que são também desafios a uma estratégia que não se vislumbra para além de uma gestão casuística e quotidiana:

Portalegre viu diminuir, sucessivamente, a sua população residente, tendo esta passado de 25.980 habitantes em 2001, para 22.341 habitantes em 2021 (um decréscimo de 14%);

Em 2021, no município de Portalegre, havia 224 idosos por cada cem jovens, mais 66 do que em 2001;

Segundo os Censos 2021, no município de Portalegre há 2.640 pessoas que vivem sozinhas, mais 43,9% que em 2001.

Mais do que dados, são pessoas que necessitam de solidariedade, atenção e apoio local, apoio para o qual o Poder Local é o mais vocacionado, quanto mais não seja pela proximidade.

Poderíamos trazer dados relativos à atividade económica do concelho, ou à capacidade de investimento do município como exemplo e motor de desenvolvimento, mas não pretendemos ser exaustivos.

Esses são dados conhecidos e haverá outras oportunidades para este debate político próprio da democracia.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Confessamos, no entanto, a dificuldade em vislumbrar uma estratégia que vá além da responsabilização do Governo e dos seus ministros, bem como dos eleitos pelo distrito de Portalegre.

Gostaríamos, ao invés, de vislumbrar uma postura proativa e uma estratégia clara que tornasse Portalegre capita e merecedora do lugar que as suas gentes merecem.

Uma estratégia que colocasse Portalegre no centro da decisão regional, com mais e melhor emprego (com realce para o emprego jovem), mais e melhor habitação, mais e melhor atividade, mais e melhor ação municipal.

Mas o que temos é:

Uma cidade e um concelho onde os motores de investimento e estratégia de futuro são, felizmente, o Ensino Superior e a Saúde e onde se opta por pagar dívida ao invés de criar projetos estruturantes para o futuro.

Este não é um concelho de Abril.

Uma cidade e um concelho que preferem vitimizar-se com as delegações de competências ao invés de mostrar que tem competência para fazer melhor, não é um concelho de Abril.

Uma cidade e um concelho que insiste em desvalorizar os seus maiores ativos culturais, não é um concelho de Abril.

Uma cidade e um concelho que apenas se preocupa com a limpeza, o embelezamento e as próximas inauguração de obras em curso vindas de mandatos anteriores, não é um concelho de Abril.

Uma cidade e um concelho que não montou uma estratégia de recuperação e resiliência, não é um concelho de abril.

Para terminar...

Este é hoje um Portugal que tem experiência de vida.

Cresceu, tornou-se adulto, teve filhos e netos, mesmo com as crises de desenvolvimento que viveu nestas quase 5 décadas de vida.

O 25 de abril é hoje para além de apenas um dia “inicial, inteiro e limpo” uma reflexão constante em que todos os dias do ano olhamos para a nossa experiência de vida, para a experiência dos nossos pais e avós e projetamos um futuro melhor para os nossos filhos e para os nossos netos.

Este é um desafio e esta data torna-se cada vez mais, para uma geração, a minha geração, um referencial de necessidade de transmissão de valores às gerações seguintes, na perspetiva de que a liberdade e a democracia serão sempre obras inacabadas e ameaçadas.

É com liberdade que se renova a democracia, que a ciência descobre e inventa, que a sociedade se torna mais tolerante, que o progresso económico acontece e que os políticos corrigem trajetórias.

É ainda em liberdade que se constrói a paz.

Por tudo isto, dizer presente, no 25 de abril, é uma condição de dever e de direito democrático.

O 25 de abril não tem dono. É de todos os Portugueses.

Viva o 25 de abril.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Viva a democracia.
Viva a liberdade.
Viva Portalegre.
Viva Portugal.”

Intervenção de João Luís, em nome do PPD/PSD – CDS/PP:

“Senhor presidente da Assembleia Municipal senhora presidente da Câmara Municipal;

Senhores presidentes de Junta de Freguesia;

Senhores vereadores;

Senhores membros da Assembleia Municipal,

Caras e caros portalegenses,

Assinalamos hoje o 48.º aniversário do 25 de abril de 1974.

O dia que abriu a porta à liberdade, à democracia e ao pluralismo político. Porta essa que nunca mais podemos permitir que se feche, por motivo ou circunstância alguma. É esta a data que simboliza o advento da democracia no nosso país, cuja consolidação se fez também num outro dia 25, desta feita, de novembro.

Hoje é o dia em que devemos agradecer a todos os que tornaram o 25 de abril possível, o dia a partir do qual conquistámos tantas liberdades. Mas também é o dia de defender a liberdade sem a dar por garantida, de defender a democracia livre combatendo os extremismos que dela se tentam apoderar.

Comemorar esta data nunca pode ser um mero cumprimento de uma formalidade. Tem de ser um momento para prestar homenagem a todos aqueles que, naquele dia, em nome do povo português, libertaram o povo, para devolver ao povo, a condução dos seus destinos. E tem de ser momento para falar sobre como devemos defender a nossa democracia.

As elevadas taxas de abstenção nos sucessivos atos eleitorais, o crescimento da força eleitoral daqueles que ameaçam a democracia e o sentimento de descrédito e desconfiança generalizada em relação à classe política são sinais mais do que evidentes de que abril ainda está por cumprir.

Uma democracia plena é feita pela não perpetuação nos cargos e pela renovação do leque de representantes. Uma democracia constrói-se todos os dias e será tanto mais rica quanto mais e mais diversos forem aqueles que contribuem para essa construção. Honrar abril é gostar da autonomia individual e rejeitar o pensamento domesticado por ostracismos ou hegemonias culturais.

Honrar abril é poder ser se de direita com a mesma liberdade com que se pode ser de esquerda.

Minhas senhoras e meus senhores:



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Nós, os mais novos, temos tido, desde que nascemos, acesso a oportunidades que as gerações anteriores apenas puderam sonhar, graças a esse dia em que provámos que a liberdade é mais forte que o medo.

Uma liberdade que é minha, que é vossa, que é de todos.

É do deputado municipal Diogo Júlio Serra, que eu aqui cumprimento, que pôde ver o seu partido sair da clandestinidade e entrar em órgãos eleitos pelo povo.

É do deputado municipal Raúl Cordeiro e do Partido Socialista, que eu aqui cumprimento, e que nesse dia puderam ver os seus fundadores regressar a casa.

É da deputada municipal Conceição Miranda e da CLIP e restantes movimentos independentes, que eu aqui também cumprimento, que hoje se podem livremente organizar e concorrer a eleições democráticas.

É da presidente da Câmara Municipal de Portalegre, que pôde ser mãe de família e ser uma autarca de sucesso, também por causa desse dia.

É dos órgãos de comunicação social do concelho, que eu aqui saúdo, que hoje podem publicar e informar livremente.

E é do meu partido, o PPD/PSD, que desde 74 nunca mais largou o sonho de transformar Portugal, concelho a concelho.

Comemorar esta data em 2022, e neste contexto internacional, é recordar que nós os democratas e tolerantes, não podemos ser tolerantes com os intolerantes.

Comemorar esta data em Portalegre, na Capital do Alto Alentejo, é recordar que temos de cá estar todos para o mesmo. Para o bem do nosso concelho e dos nossos concidadãos. Porque Portalegre precisa de todos.

Comemorar esta data, sendo eu um jovem, é recordar que mesmo 48 anos depois de Abril, temos de continuar a luta pela liberdade a sério da juventude. E só haverá liberdade a sério quando houver emancipação.

Muitos se lamentam que para os jovens tudo é urgente: mas neste caso é-o de facto, não se pode aceitar um fardo tão pesado para as novas gerações.

Há 48 anos iniciámos um caminho coletivo para sermos um país verdadeiramente livre, justo e desenvolvido. Para termos uma democracia liberal do tipo ocidental, onde reine a paz e a segurança. Para sermos uma nação com oportunidades para todos, onde qualquer um, independentemente do berço onde nasça, possa vencer na vida através do seu trabalho e mérito. Foi para isto que se fez abril. Cumpramos este Portugal.

Viva o 25 de abril. Sem donos!

Porque se a Liberdade tivesse dono seria uma ditadura.

Tenho dito.”

Intervenção de Fermelinda Carvalho, presidente da Câmara Municipal de Portalegre:

“Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal
Exmos. Senhores Vereadores



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Exmos. Senhores Presidentes de Junta
Exmos. Deputados Municipais
Exmos. Representantes de Autoridades Cíveis e Forças de Segurança
Ilustres convidados
Comunicação Social
Caros Portalegrenses,

A comemoração do 25 de Abril de 74, que nos reúne aqui hoje, assinala o dia fundador de um Portugal novo e democrático, de um País que demandava um novo rumo político e social.

Este foi seguramente um tempo difícil, um tempo de contenda, de controvérsia e de incerteza, marcado por conquistas e por encruzilhadas, por avanços e por recuos. Foi, definitivamente, um tempo de mudança e de transformação.

Foi um tempo em que se arquitetaram os princípios comuns duma democracia promissora e de um desejo de mudança. Portugal alinou-se com as democracias modelo à época, mudando o seu curso político, rumo a um futuro em que se desejava mais igualdade, mais justiça social, mais desenvolvimento e mais modernidade.

A alegria e o clima de festa não durou muito. Passados uns meses pairava sobre Portugal um clima de grande tensão, fruto dos abusos que estavam a ser praticados.

A reforma agrária no Alentejo e Ribatejo foi um desses exemplos.

Nos meses que se seguiram a Abril de 74 viveram-se tempos conturbados, com sucessivos e inúmeros acontecimentos que provocaram muitos episódios, que descontentaram os militares e uma grande franja da população. Tal situação veio desencadear o denominado 25 de Novembro.

Julgo que de facto o 25 de Abril e o 25 de Novembro são datas que estarão eternamente ligadas e que, em conjunto, conduziram ao restabelecimento da democracia.

Quarenta e oito anos depois é preciso fazer uma revisão crítica do passado e, sobretudo, uma reflexão sobre o momento que vivemos pois, em democracia, todas as críticas são legítimas e há com certeza balanços críticos a fazer. E se, por um lado, se concretizou uma mais valia considerável na vida das pessoas, por outro, chegados aqui, o país em que vivemos, deve suscitar-nos muita preocupação.

Tantos (jovens e menos jovens) que dizem “não querer saber” da dívida ou do défice; “não querer saber” dos partidos ou dos políticos; e nem sequer exercem o seu direito de voto quando essa oportunidade lhes é oferecida!

Quarenta e oito anos depois, a atitude apolítica, o desinteresse face aos processos da democracia e o défice de participação democrática de tantos devem preocupar-nos!

Esta constatação deve levar-nos a uma profunda e urgente reflexão, procurando encontrar as causas do distanciamento entre o povo e os seus representantes, entre o povo e os seus processos democráticos.

Hoje, quarenta e oito anos volvidos, se cada português refletir sobre aqueles que têm sido os nossos representantes, porventura facilmente chegará à conclusão de que



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

muitos – demasiados – se têm servido da política em benefício próprio, não exercendo o cargo de forma honesta e nobre.

Os pilares elementares em qualquer democracia saudável encontram-se 48 anos depois fragilizados pelo pior, em grande parte por responsabilidade de quem os devia honrar e que por demasiadas vezes não revela nem humildade, nem verdadeiro sentido de serviço à causa pública e os usa apenas para proveito próprio.

Infelizmente, no nosso passado recente, constatamos por inúmeras vezes que a palavra, a honra e o compromisso há muito que perderam sentido e as promessas são muitas vezes feitas sem pudor e sem rigor.

Os escândalos de corrupção das mais altas esferas da política, da banca, entre outras, têm proliferado e arrasta-se o sentimento de impunidade de quem os pratica.

O Serviço Nacional de Saúde sobrevive com enormes fragilidades, pondo cada vez mais em causa os fins para os quais foi criado, sobretudo nas regiões do interior, como a nossa.

Temos um Estado cada vez menos eficiente, cada vez mais pesado e lento, longe de conseguir garantir um serviço público de qualidade àqueles que tem de servir.

Não posso deixar de referir o Plano de Recuperação e Resiliência, cuja aplicação deveria servir principalmente para implementar um conjunto de reformas e investimentos destinados a repor o crescimento económico sustentado do país, com vista a reforçar o objetivo de convergência com a Europa ao longo da próxima década.

O caminho escolhido pelo governo na aplicação destes fundos, revela uma atitude profundamente dirigista não tendo como preocupação principal a criação de dinâmica económica.

Todos conhecemos a fragilidade do tecido empresarial português, principalmente os setores de atividade mais afetados com a pandemia.

Deveriam ser as empresas o principal foco de preocupação, se queremos, realmente, ter um país com um crescimento económico forte e sustentado no futuro, criador de emprego, riqueza e prosperidade. Não queremos que o PRR seja mais uma oportunidade perdida por Portugal, no caminho de convergência com a Europa.

Por todos estes motivos e muitos outros, devemos refletir sobre a situação em que nos encontramos.

Neste dia de celebração da Democracia e da Liberdade, não posso deixar de lembrar a barbárie que tem ocorrido no território da Europa, que é também o nosso, e que lança sobre todos nós dúvida, incerteza e insegurança.

O conflito na Ucrânia lembra-nos, da pior maneira, o valor da democracia e o quão importante é viver num país livre e soberano, com direito à autodeterminação e onde os direitos humanos são respeitados.

Não posso, por isso, deixar de prestar a mais sentida homenagem e tributo a todos aqueles que, na Ucrânia, lutam e morrem pelos valores que nos norteiam, que morrem pela democracia e pela liberdade.

Não devemos esquecer que os sistemas democráticos se compõem de tensões permanentes e é fundamental uma participação ativa, informada e interessada de



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

todos, pois só com responsabilidade e participação podemos reivindicar um mundo melhor e ser os guardiões dos valores democráticos que tanto preservamos.

Entre esses valores destaco, neste momento, a solidariedade. Perante a invasão e as atrocidades cometidas em território ucraniano, compete-nos a todos ajudar e ser solidários com aqueles que, em desespero, fogem da guerra.

O Município de Portalegre está empenhado e comprometido em garantir o conforto e as necessidades das famílias que, fugindo da guerra, aqui pretendem encontrar a paz. Neste contexto, já acolhemos 18 refugiados de guerra provenientes da Ucrânia, num total de oito famílias, num esforço de acolhimento desenvolvido em parceria com diversas entidades públicas e privadas.

O Município de Portalegre continuará a desenvolver esforços e tudo fará para ajudar na adaptação e integração destas famílias e doutras que queiram vir para a nossa cidade.

Quero ainda referir, que a data que hoje celebramos está profundamente ligada ao nascimento e à construção de um Poder Local verdadeiramente representativo e procedente da vontade popular.

De facto, o Poder Local constitui-se como uma das mais importantes e significativas conquistas do regime e a ele é devido muito do crédito de aproximação dos cidadãos aos processos democráticos.

No terreno concreto da realidade política, o Poder Local tem tido um papel importantíssimo na transformação do País e, de uma forma geral, as populações reconhecem o seu papel agregador e o seu enorme contributo para a melhoria das suas condições de vida e, legitimamente, nele projetam também muitas das suas reivindicações políticas.

Portugal é inegavelmente um País mais justo e mais equilibrado, com melhores condições de vida e com maior capacidade de resposta aos problemas; e isso tem, em larga medida, a marca de muitos dos autarcas que, ao longo dos últimos quarenta e oito anos, abraçaram a causa pública e se dedicaram ao serviço das populações, com a responsabilidade enorme de conduzir os destinos plurais das aldeias, vilas e cidades de Portugal.

É ao Poder Local democrático que se deve, em grande parte, o progresso promotor do desenvolvimento do território e das suas comunidades locais.

É ao Poder Local que se deve o acesso aos equipamentos sociais, culturais e desportivos modernos; a renovação urbana; o apoio a instituições, organismos sociais, culturais, desportivos e recreativos, garantindo o desporto, a cultura e a educação junto dos cidadãos.

É ao Poder Local que se deve o estímulo ao investimento e ao desenvolvimento económico; bem como a valorização dos nossos recursos endógenos e das nossas tradições locais.

É ao Poder Local que se deve a atitude inconformista perante as desigualdades e as assimetrias das políticas públicas nacionais; a reivindicação permanente da igualdade de tratamento entre as várias regiões do País; a exigência por opções de discriminação positiva que nos permitam as mesmas oportunidades, afirmando as



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

diferenças regionais e a identidade própria de cada região, no quadro maior da nossa identidade nacional, numa perspetiva de riqueza e complementaridade.

Nos últimos anos, as autarquias locais têm reforçado a sua autonomia e têm-se confrontado com novos papéis nos campos de intervenção.

Os processos de transferência de competências nas áreas da Educação e da Ação Social têm sido feitos, no entanto, num caminho que insiste em políticas de submissão que insiste na implementação com a ausência de negociação e de concertação entre os diferentes intervenientes, que insistem na ausência de informação sobre aspetos de grande importância e preocupação para as autarquias e que colocam enormes constrangimentos na gestão das respostas adequadas, em prejuízo dos municípios.

É necessário que o poder central seja mais dialogante e mais próximo das autarquias, no processo de descentralização, dotando-as dos meios e dos recursos necessários para dar resposta às necessidades e aos problemas das populações

Urge, por isso, que o Governo reveja os critérios de delegação de competências, sob pena deste processo, ao invés de ser um incremento no serviço às populações - como se pretende - ser motivo de grandes constrangimentos para as autarquias e, como consequência, para as populações.

Meus Senhores,

Como autarca, estou e estarei sempre disponível para defender os interesses do nosso Concelho.

Estou e estarei sempre disponível para ajudar a resolver os problemas, para apontar caminhos e para apresentar e aplicar soluções, procurando gerir os meios que são colocados à nossa disposição para bem servir os nossos municípios e dignificar o nosso território.

O executivo que lidero está empenhado em trabalhar para que a nossa cidade volte a ser uma Capital de Distrito próspera, com vitalidade empresarial e social, procurando criar condições de crescimento, com mais emprego, mais oportunidades, melhores equipamentos e melhores condições de vida, que permitam a prosperidade dos que cá estão e o regresso dos que saíram.

Da parte do executivo que lidero, afirmo o nosso compromisso de contribuirmos com trabalho e dedicação diária para o incremento da qualidade na gestão autárquica do nosso município, proporcionando melhores condições de vida à nossa população.

Queremos estreitar e aprofundar a relação do município com os nossos municípios, nos valores comuns que nos devem unir e nos objetivos estratégicos que nos devem mobilizar!

Sejamos corajosos e capazes de trabalhar em conjunto, para construir um Concelho Melhor!

Viva Portalegre!

Viva Portugal!"

Intervenção de Luís Romão, presidente da Assembleia Municipal:



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

“Apresento respeitosamente os meus cumprimentos a todos os presentes, agradecendo a presença dos elementos da autarquia, Câmara Municipal, Sra. Presidente e Srs. Vereadores, membros da Assembleia Municipal e das Juntas de Freguesia, entidades civis e militares, convidados, alunos das Escolas do Concelho. Começo a minha intervenção com a seguinte questão. E se não tivesse havido 25 de abril de 1974?

Naquele abril de 1974 aguardava-me o futuro. Mas, e se aqueles Homens não tivessem a visão, a ambição, a coragem de agir? O que teria sido o meu futuro? O nosso futuro?

A resposta a esta questão um exercício naturalmente falível, mas curioso, visto que o pensamos na atualidade, livremente, recorrendo a ferramentas cognitivas que fomos construindo ao longo de 48 anos de liberdade.

Certamente que o meu desenvolvimento, enquanto jovem, seria significativamente diferente, pois uma sociedade em que os valores da liberdade, quer de pensamento, quer de ação, estão presentes, são significativamente diferentes dos padrões dos regimes totalitários, como aquele que existiu em Portugal, e que ainda hoje, em pleno século XXI, existem por todo o planeta, como por exemplo, a Guiné Equatorial, a Venezuela, a Arábia Saudita, a Coreia do Norte ou a própria Rússia, regimes dogmáticos em que a liberdade é coartada, em que prevalece a vontade dos autocratas, em que o povo não tem voz, onde a expressão de uma opinião contrária ao paradigma imposto pode valer vários anos de cadeia, ou até mesmo a pena de morte.

Mesmo nas sociedades democráticas, há quem queira impor a sua vontade a toda uma população, retirando aos cidadãos o direito de optar. Por exemplo, é comum ouvirmos dizer em que só devia haver escola pública, que não deveriam existir cuidados de saúde prestados por privados. Poder optar é uma conquista de Abril.

O 25 de abril permitiu abrir os horizontes da minha geração, em que a perspetiva, enquanto jovens, e se não tivesse havido Abril, passava pelo trabalho infantil, pela emigração, pela guerra (de onde muitos não voltaram, e onde ficaram os sonhos e os corações de muitas famílias), pela dependência financeira e social do esposo, no caso das mulheres, pela inacessibilidade da maioria dos jovens ao ensino superior, fator essencial ao desenvolvimento de um país.

O 25 de abril foi promotor, de uma educação para todos, de um acesso generalizado aos cuidados de saúde, do desenvolvimento económico e social de uma nação, que apresentava, há data, décadas de atraso relativamente aos seus vizinhos europeus.

O processo de construção da atual sociedade, em que vivemos quase cinco décadas após o 25 de abril, passou por várias fases, foram cometidos múltiplos erros, atravessámos várias crises, como por exemplo a crise financeira de 2008-2011 em que níveis elevados de dívida pública e privada, decorrente de uma década de fraco crescimento económico, colocou em causa a capacidade de criação de riqueza e a capacidade do estado satisfazer os compromissos, obrigando o governo de Portugal a recorrer a uma intervenção externa, ou a tão recente crise motivada pela pandemia de COVID-19.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Hoje voltamos a viver em crise, energética, alimentar, financeira e naturalmente, social, decorrente da invasão da Ucrânia pela Federação Russa. Tenho a certeza que os militares e o povo que construíram Abril condenariam esta guerra injusta, atroz e brutal e expressariam a sua solidariedade com o povo ucraniano.

Como referido anteriormente, nem sempre as opções políticas foram as mais eficazes, as mais justas. No entanto, todas elas resultaram da expressão da vontade popular, sendo essa uma das maiores conquistas do 25 de abril, a democracia, em que o pluripartidarismo em oposição regime de partido único, criou dinâmicas políticas, conducentes a uma melhoria significativa das condições de vida das populações.

Para isso contribuíram os partidos políticos, partidos que ainda hoje permitem a reflexão sobre modelos de sociedade, modelos de desenvolvimento construídos por pessoas que se preocupam pelo bem comum e pela causa pública, pessoas que abdicam inúmeras vezes do seu próprio tempo e o oferecem de forma generosa às comunidades das quais fazem parte, como por exemplo os elementos das Juntas de Freguesia aqui presentes. Mas permitam-me pessoalizar este exemplo de dádiva, no António Oliveira, membro desta assembleia recentemente desaparecido, que muito de si ofereceu a esta comunidade que tomou como sua, não de nascimento, mas sim de coração.

As revoluções iniciam-se, mas não se fazem num dia, fazem-se diariamente no interior de cada um, nas nossas famílias, nas nossas praças, nas nossas aldeias e cidades, pensando e refletindo em conjunto. Não podemos deixar que haja um retrocesso civilizacional.

Naquele dia 25 de abril de 1974, aquela criança que viria crescer, estudar, trabalhar e conviver livremente nas ruas de Portalegre, não tinha noção que aquele dia seria um dos dias mais importantes da sua vida.

Cabe-me agradecer às pessoas que naquele dia e ao longo destes últimos 48 anos intervieram civicamente, integraram os partidos políticos, acreditaram que era possível contruir um país melhor, mais justo, em que todos tivéssemos melhor educação, acesso a cuidados saúde e justiça social, mais rendimentos e sobretudo pudéssemos viver livremente e ser felizes.

Viva o 25 de Abril!

Viva Portalegre!

Viva Portugal!"

Para finalizar, o presidente da Assembleia Municipal convidou os presentes para a inauguração da exposição alusiva ao 25 de Abril, a qual iria estar patente na Biblioteca Municipal. -----

Faltas: A Assembleia Municipal deliberou, por unanimidade, marcar falta ao membro Artur Jorge Correia.-----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

ENCERRAMENTO:

=====

Não havendo mais assuntos a tratar, foi encerrada a sessão, eram 11H40, do dia 25 de abril, do ano de 2022 e da qual foi lavrada a presente ata, que será devidamente assinada, nos termos da lei. -----